

# Comércio fronteiriço necessita de normas

• Rede comercial distrital não responde à procura N. 13/12/86  
por B. Manguane

Um comércio fronteiriço carente de normas é o que se pode dizer da troca de leite e cestaria moçambicana por produtos nas mãos dos suázis. As autoridades policiais na Namaacha opõem-se à prática mas a justificação pouco satisfaz aos cidadãos que têm algo para trocar. Entretanto a população do distrito, que nem sempre é a que se envolve na troca, tem ao seu dispor uma fraca rede comercial que não responde à procura tanto pela insuficiência das quotas atribuídas como do serviço prestado.

Namaacha tem a buliçosa aparência de uma movimentada vila comercial em que o artigo em mãos alheias tanto será um bem já adquirido como uma peça que ficará nas mãos de quem melhor ofereça no seu acto de procurar. Afluíam até recentemente senhoras oriundas da capital do País carregadas de artigos diversos, especialmente leite enlatado e cestaria de palha, mas as incursões enfraquecem porque os produtos ficam nas mãos

nós. Não está nada muito clarificado mas o nosso cuidado é prevenir más atitudes.

Segundo o director, o Governo Distrital na Namaacha terá melhores pistas duma acção abarcadora da situação global do problema do Comércio fronteiriço quando se aperceber de todas as componentes incluídas na sua abordagem. Enquanto se não faz este levantamento o director do Comercio não exclui a possibilidade de quem

instala-se numa banca no mercado da vila e espera o «cliente da terra».

## PROCURA INSATISFEITA

Para a população de mais de vinte mil cidadãos funciona uma rede comercial de trinta lojas, doze cooperativas de consumo, cinco snack-bars, três padarias e três casas hoteleiras com serviço turístico.

O serviço da rede comercial sendo

capacidade para responder bem porque as quotas são pequenas. Apesar da desestabilização, a sorte é que já houve melhor produção de cereais, especialmente o milho, e as pessoas vão auto-abastecer-se. Temos por mês por exemplo, oito toneladas de açúcar, oito de arroz e vinte e oito de farinha de milho. É pouco — diz o director Rosário.

Sem suficientes mercadorias a exploração comercial das unidades em serviço compensa? Resposta negativa. Os trabalhadores das cooperativas de consumo não auferem os seus vencimentos com regularidade desde Dezembro do ano transacto. Para ter licitamente o vencimento os trabalhadores de cooperativas na localidade de Changalane, optaram por vender animais de pequeno porte e hortícolas adquiridos nas cooperativas locais de produção.

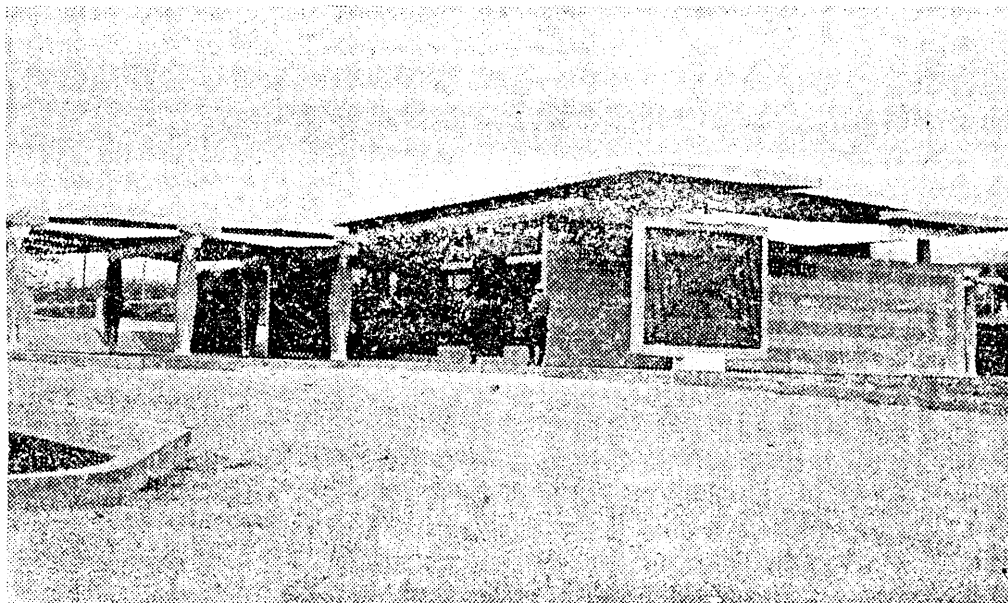
As unidades de comércio cooperativo que em tempos reuniam em seu torno mais de quatro mil agregados familiares já não admitem mais membros.

As unidades de panificação ficam grande parte inactivas ou parcialmente activas por deficiente abastecimento de materiais de produção.

Grande parte da rede comercial concentra-se na vila da Namaacha, estando menos servidas as localidades mais interiores no território distrital. Os estabelecimentos escolares com lares-internatos merecem, de acordo com o director Rosário, alguma prioridade no fornecimento, bem como as unidades sanitárias. A Direcção Distrital do Comércio encaminha as quotas de abastecimento previstas pela estrutura provincial de tutela através de um armazém comercial privado.

Para o serviço comercial que integra ainda casas de costura, mercados e cabeleiros a actividade é supervisionada pela fiscalização comercial que averigua o cumprimento das normas vigentes.

As casas de hotelaria e de pasto carecem simultaneamente de loiça ou ainda de variação de ementa e roupa de cama. Os clientes têm reclamado estas faltas desproporcionais aos preços praticados mas os hoteleiros dizem que são mal avaliados porque os custos das operações subiram e os actuais preços arruinam-nos. Verdade verdadeira é que o comércio interno da Namaacha como ainda a actividade comercial fronteiriça não fogem das influências conjunturais do País no seu todo, antes nelas encontra explicação.



Aspecto do posto fronteiriço da Namaacha

de polícias e militares que se dizem cumpridores de ordens.

Isac Rosário, director distrital do Comércio na Namaacha, falando recentemente à nossa Reportagem disse-nos que o Governo desta região da provincia do Maputo tem debatido exaustivamente a questão mas até ao momento nada foi formulado como actuação assente mas apenas como recomendação porque sentimos que há coisas feias como tirar o leite às crianças para trocá-lo, frente a todos

apreende as mercadorias se tornar na pessoa que as troca «mas nós estamos a organizar-nos para ultrapassar esta indecisão de dizer vamos-não-vamos-lazer-isto-fazer-aquilo».

Os cidadãos suázis entram na Namaacha apinhados de toda a sorte de pequenas mercadorias, nomeadamente calcado, artigos de vestuário, bens alimentares, entre outros que trocam pelo que de melhor encontram... Pelo pagamento de um rand o cidadão suázi (são mais elas que eles),

marcado pela insuficiência das quotas de produtos alimentares e de outra natureza para atribuir quer ao abastecimento caseiro do cidadão quer através das unidades hoteleiras, caracteriza-se pela insatisfação que dá à procura.

## COOPERATIVAS

O cidadão fica muito tempo à espera do abastecimento alimentar ou de outros produtos. Nós não temos